

A leitura destes documentos tornará evidente a forma como foram colocados em sequência. Todos os assuntos inúteis foram eliminados, de modo que uma história que não é conforme com as convicções atuais possa ser apresentada como um simples facto. Ao longo de toda a obra, não se encontra nenhuma afirmação de coisas passadas em que a memória possa errar, pois todos os registos seleccionados são rigorosamente contemporâneos e apresentados a partir dos pontos de vista e no âmbito do conhecimento dos seus autores.

CAPÍTULO I

Diário de Jonathan Harker (estenografado)

3 de maio. *Bistríta* — Parti de Munique às 20h35 de 1 de maio e cheguei a Viena no dia seguinte, de manhã cedo; devia ter chegado às 6h46, mas o comboio atrasou-se uma hora. Pelo que vi do comboio e pelo pequeno passeio que dei pelas ruas, Budapeste parece-me uma cidade maravilhosa. Receei afastar-me muito da estação, pois tínhamos chegado tarde e iríamos partir tão perto da hora prevista quanto possível. A impressão com que fiquei foi que estávamos a sair do Ocidente e a entrar no Oriente; a mais ocidental das magníficas pontes sobre o Danúbio, que neste ponto tem uma largura e profundidade admiráveis, levou-nos por entre as tradições do domínio turco.

Partimos à hora, e já era noite quando chegámos a Klausenburg, onde pernoitei no Hotel Royale. Ao jantar, ou antes, à ceia, comi uma galinha preparada com pimentão, muito saborosa, mas que me fez sede. (*Mem.*²: pedir receita para Mina.) Perguntei ao empregado e ele disse que se chamava *paprika hendl* e que, dado ser um prato nacional, devia conseguir encontrá-lo por todos os Cárpatos. As minhas escassas noções de alemão revelaram-se muito úteis aqui; em boa verdade, não sei como me teria desenvencilhado sem elas.

Dispondo de algum tempo em Londres, visitara o Museu Britânico e, na biblioteca, recorrendo a livros e mapas, fizera uma pesquisa relativa à Transilvânia; pensara que qualquer conhecimento prévio do país não podia deixar de me ajudar no contacto com um nobre local. Descobri que a província que ele referiu se situa no extremo leste do território, exatamente nas fronteiras de três estados, Transilvânia, Moldávia e Bucovina, em plenos montes Cárpatos, uma das regiões mais selvagens e menos conhecidas da Europa. Não consegui encon-

trar em nenhum mapa ou obra a localização exata do Castelo Drácula, dado não haver mapas do país que se possam comparar com os do nosso serviço cartográfico; mas descobri que Bistríta, a pequena cidade mencionada pelo conde Drácula, é relativamente conhecida. Vou introduzir aqui algumas das minhas notas que poderão refrescar-me a memória quando falar com Mina sobre as minhas viagens.

A população da Transilvânia é constituída por quatro nacionalidades distintas: os Saxões no Sul e, misturados com eles, os Valáquios, que são descendentes dos Dácios; os Magiares no Oeste e os Zequelis no Leste e no Norte. Vou ficar entre estes últimos, que afirmam ser descendentes de Átila e dos Hunos. Talvez seja assim, pois, quando os Magiares conquistaram o país no século XI, constataram que os Hunos já aí se haviam fixado. Segundo li, todas as superstições existentes no mundo estão reunidas na ferradura dos Cárpatos, como se estes fossem o centro de qualquer redemoinho da imaginação; se assim é, a minha estadia pode vir a revelar-se muito interessante (*Mem.*: interrogar o conde a esse respeito.)

Embora a minha cama fosse bastante confortável, não dormi bem, pois tive toda a espécie de sonhos estranhos. Durante toda a noite, um cão uivou debaixo da minha janela, o que talvez tenha contribuído para a minha insónia; ou talvez tivesse sido a paprica, pois fui forçado a beber toda a água da garrafa e, mesmo assim, continuei com sede. Já era quase manhã quando adormeci e fui acordado por umas pancadas contínuas na porta do meu quarto, pelo que creio que nessa altura estava a dormir a sono solto. Ao pequeno-almoço serviram-me mais paprica, com umas papas de farinha de trigo, a que deram o nome de *mamaliga*, e beringela recheada com carne picada, um prato excelente a que chamam *impletata* (*Mem.*: pedir também esta receita.) Tive de acelerar o pequeno-almoço, pois o comboio partia, ou deveria partir, um pouco antes das oito, de modo que, depois de ter corrido para a estação às sete e meia, tive de ficar sentado na carruagem durante mais de uma hora antes de nos pormos em movimento. Parece-me que, quanto mais avançamos para Oriente, menos pontuais são os comboios. Como será na China?

Durante todo o dia avançámos lentamente através de um país repleto de beleza de todo o género. Por vezes, avistávamos vilas ou castelos no cume de montes escarpados semelhantes aos que se veem nos antigos missais. Outras vezes, seguíamos junto a rios ou ribeiros que, a avaliar pelas largas margens pedregosas que os ladeavam, pareciam sujeitos a grandes cheias. É preciso muita água a correr com ímpeto para arrastar

as margens de um rio. Em cada estação, havia grupos de pessoas, por vezes multidões, com todo o tipo de atavios. Alguns assemelhavam-se aos camponeses do nosso país ou àqueles que vi quando atravessei a França e a Alemanha, com jaquetas curtas, chapéus redondos e calças feitas em casa; mas outros eram bastante pitorescos. As mulheres pareciam bonitas até chegarmos junto delas, mas tinham cinturas muito pouco graciosas. Todas usavam mangas brancas e largas de um tipo ou de outro, e a maioria tinha grandes cintos com muitas tiras de qualquer coisa que esvoaçava como vestidos de *ballet*, mas, como é evidente, com saiotos por baixo. As figuras mais estranhas que vimos foram os Eslovacos, que são mais bárbaros do que os restantes, com os seus grandes chapéus de *cowboy*, grandes calças largas de um branco-sujo, camisas de linho branco e cintos de couro enormes e pesados, com uns trinta centímetros de largura e cravejados de pregos de latão. Calçavam botas de cano alto, com as calças enfiadas dentro delas, e tinham o cabelo preto e comprido e grandes bigodanças negras. São muito pitorescos, mas não atraentes. No palco seriam imediatamente considerados como um antigo bando de salteadores orientais. No entanto, segundo me disseram, são inofensivos e, por natureza, pouco seguros de si.

Já era quase noite quando chegámos a Bistrita, que é uma localidade antiga e muito interessante. Situada praticamente na fronteira, pois o desfiladeiro de Borgo parte daí e vai até Bucovina, tem tido uma existência tumultuosa, da qual seguramente exhibe marcas. Há cinquenta anos, teve lugar uma série de grandes incêndios, que provocaram uma devastação terrível em cinco ocasiões distintas. No início do século xvii, sofreu um cerco de três semanas e treze mil pessoas pereceram, sendo as baixas da guerra acompanhadas por fome e doença.

O conde Drácula tinha-me aconselhado a ir para o hotel Golden Krone, que, para minha grande satisfação, descobri ser muito antiquado, pois é óbvio que queria ver tudo o que fosse possível dos usos e costumes do país. Como é evidente, estavam à minha espera, porque, quando me aproximei da porta, me deparei com uma mulher idosa, de aspeto prazenteiro, com o habitual traje de camponesa: saio branco, duplo avental comprido, frente e costas, de tecido colorido tão justo que era quase escandaloso. Quando me aproximei, fez uma vénia e perguntou:

— É o *Herr* inglês?

— Sou — respondi. — Jonathan Harker.

Ela sorriu e deu qualquer instrução a um homem idoso, com uma camisa branca e sem nada por cima que a seguira até à porta. Ele desapareceu, mas regressou imediatamente com uma carta:

MEU AMIGO, Seja bem-vindo aos Cárpatos. Aguardo-o com ansiedade. Espero que durma bem esta noite. Amanhã, às três horas, a diligência parte para Bucovina, com um lugar reservado para si. No desfiladeiro de Borgo, a minha carruagem estará à sua espera para o trazer até junto de mim. Espero que a sua viagem de Londres tenha sido aprazível e que vá apreciar a sua estadia no meu belo país.

O seu amigo,

DRÁCULA

4 de maio — Descobri que o dono do hotel recebera uma carta do conde, dando-lhe instruções para me garantir o melhor lugar na mala-posta; mas, ao interrogá-lo quanto aos pormenores, o homem pareceu um tanto reticente e fingiu não perceber o meu alemão. Isso não podia ser verdade, pois até então ele entendera-me perfeitamente; pelo menos, respondia às minhas perguntas exatamente como se as entendesse. Ele e a mulher, a senhora idosa que me recebera, entreolharam-se com uma expressão assustada. Ele tartamudeou que o dinheiro fora enviado numa carta, e que isso era tudo o que sabia. Quando lhe perguntei se conhecia o conde Drácula e se me sabia dizer alguma coisa acerca do seu castelo, tanto ele como a mulher se benzeram e, dizendo que nada sabiam, recusaram simplesmente continuar a falar. A hora da partida estava tão próxima que não tive tempo de interrogar mais ninguém, pois tudo era muito misterioso e de modo nenhum tranquilizador.

Imediatamente antes de eu partir, a senhora idosa foi ao meu quarto e perguntou alvoroçada:

— Tem de ir? Ah, meu jovem *Herr*, tem mesmo de ir?

Estava de tal modo agitada que parecia ter perdido o domínio do alemão que sabia e misturava-o com outra língua que eu desconhecia por completo. Só conseguia perceber o que dizia fazendo muitas perguntas. Quando lhe disse que precisava de partir imediatamente e que tinha assuntos importantes a tratar, perguntou de novo:

— Sabe que dia é hoje?

Respondi que estávamos a 4 de maio, mas ela abanou a cabeça, ao mesmo tempo que ripostava:

— Ah, sim. Eu sei, eu sei isso! Mas sabe que dia é?

Ao ouvir-me dizer que não percebia, prosseguiu:

— É a véspera do dia de São Jorge. Sabe que hoje, quando o relógio bater a meia-noite, todas as forças maléficas dominam o mundo? Sabe aonde vai e o que vai encontrar?